



Momento de decorar os biscoitos



O amor pelo futebol brasileiro também é explorado nas festas de fim de ano

e fortalecendo os laços entre todos nós”, explica. O que começou como um encontro informal ganhou forma e passou a se repetir, ano após ano.

O valor do ritual, para Fabíola, está menos na atividade em si e mais no que ela provoca emocionalmente. “Representa acolhimento, pertencimento e pausa. Em meio à correria do ano, esse momento nos lembra do que realmente importa: estar presente, rir juntos, dividir a mesma mesa e o mesmo teto, ainda que por uma noite”, afirma. O Natal, nesse contexto, deixa de ser uma data marcada pelo excesso e se transforma em um intervalo de respiro coletivo.

As memórias construídas a partir dessa prática permanecem vivas. Fabíola guarda imagens que se repetem e, ao mesmo tempo, nunca são iguais. “As risadas na cozinha enquanto os biscoitos assam, as crianças sujas de farinha, a expectativa pelas brincadeiras e a alegria de vê-las dormindo juntas, animadas, como se aquele fosse o melhor dia do ano”, recorda. Para ela, são cenas que se acumulam com o tempo e ajudam a criar um sentimento de continuidade. “São lembranças que aquecem o coração.”

Como toda tradição viva, o ritual também se transformou. Pequenos ajustes foram incorporados sem que o sentido se perdesse. “Algumas adaptações aconteceram naturalmente, como a inclusão dos pijamas personalizados ou a organização das brincadeiras por família”, diz. As mudanças acompanharam o crescimento das crianças e o desejo de tornar o momento mais participativo.

Para Fabíola, essas práticas ajudam a deslocar o olhar do consumo para o convívio. “Transformam o Natal em um tempo de conexão real, diminuem o estresse e reforçam a sensação de união, amor e gratidão”, reflete. O ritual funciona como um contraponto à lógica acelerada do fim de ano.

Quando, por algum motivo, a tradição não pôde ser seguida, a ausência foi sentida de forma imediata. “O Natal fica mais vazio quando não há esses rituais, porque são eles que dão identidade e profundidade à celebração”, afirma. A experiência reforçou a percepção de que são os gestos repetidos que dão contorno emocional à data.

Ao falar com quem deseja criar ou resgatar uma tradição natalina, Fabíola defende a simplicidade e a intenção. “Comece pequeno e com intenção. Não precisa ser algo elaborado ou caro. Pode ser uma receita, uma oração, um jogo ou um momento juntos”, aconselha. Para ela, o essencial está na continuidade e no sentido. “O mais importante é a constância e o significado que aquilo carrega para quem participa. Tradições não precisam ser perfeitas, precisam ser verdadeiras.”

Enquanto o Natal se aproxima, os preparativos seguem. “Os pijamas deste ano já estão embalados e com tema de ursos”, conta. Um detalhe que, para quem vê de fora, pode parecer pequeno, mas que, dentro da família, funciona como mais um fio que costura memórias, afeto e pertencimento.

***Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira**